

DIÁRIO DA GUINÉ

Lama, Sangue e Água Pura

ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU



COLECÇÃO EDIÇÃO ESPECIAL

Introdução

Entre Junho de 1972 e Abril de 1974, desempenhei funções de pequeno oficial do exército português num Comando de Agrupamento Operacional na Guiné Portuguesa, ainda então não denominada Guiné-Bissau.

Quiseram os acasos, a sorte e o destino que a minha passagem pelos tempos finais do conflito militar se desdobrasse por três cenários de operações bem diferenciados, a região norte, em Canchungo (Teixeira Pinto), o centro, em Mansoa, e finalmente uma permanência de quase onze meses na zona sul, em Cufar.

Não sendo propriamente um operacional, o facto de estar integrado num comando de operações e de contactar todos os dias homens e lugares onde ocorriam acções militares, possibilitou diluir-me no quotidiano da guerra, vivê-lo por dentro, ser testemunha e actor de um drama real que se desenrolava diante de nós, camaradas de armas e desdita.

Tinha então vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete anos e, tal como muitos outros milhares de soldados enviados para as guerras de África, escrevi um “diário secreto”, redigi centenas de aerogramas e cartas endereçadas a familiares, a amigos em Portugal.

Três anos depois de regressar da Guiné, os acasos da fortuna levaram-me outra vez para distantes paragens, agora o Extremo Oriente, a China onde – depois de todas as guerras, – me embebi num quotidiano de paz, sortilégios, alvoroços e fascínios a povoar o respirar célere da passagem dos anos. Quase esquecia o tempo da Guiné.

Os anos passaram. De novo em Portugal, sabia que continuavam comigo o “diário secreto” e muitas das cartas que escrevera em África. Mas considerava esses textos uma herança demasiado pessoal. Publicar, dar a conhecer o “diário” corresponderia talvez a um confessado exercício de auto-complacente contemplação do umbigo, de narcisismo. Eu, eu e mais eu.

Os anos passaram. Até que, em finais de 2005, a publicação dos aerogramas e cartas escritas em Angola por António Lobo Antunes, entre 1971 e 1973 – e que li de um fôlego – me recordou o “diário”, os meus textos da

Guiné. Ainda somos algumas centenas de milhares de portugueses que, como militares, vivemos as guerras de África; no entanto a memória desses anos vai-se inevitavelmente esbatendo, esquecendo. Que conhecem os nossos filhos, os nossos netos do dia a dia dos seus pais e avós combatentes na Guiné, em Angola e Moçambique? Que sabem do que comíamos, onde dormíamos, como nos deslocávamos, o que sentíamos, como eram as emboscadas, as flagelações, a morte, o medo, as bebedeiras, a alegria? Como era a guerra por dentro? Os meus escritos dos dias da Guiné respondiam a algumas destas questões e, longe de qualquer comparação com a prosa exuberante do autor de *Os Cus de Judas*, acabei por considerar que valia a pena recuperá-los e publicar.

São textos curtos, perto do real entendido, construído pelos olhos e sensibilidade de um dos muitos milhares de militares que jornadearam pela Guiné. Surgem variadas referências a oficiais, sargentos e praças com quem convivi intensamente ao longo dos vinte e dois meses de comissão. Companheiros de tempos difíceis, lançados para um conflito militar que consumia espíritos e vidas, todos me merecem hoje o maior respeito. Não pretendo, de modo nenhum, com os textos agora publicados, magoar quem quer que seja.

Por arquivos e bibliotecas, procedi entretanto a uma leitura exaustiva de obras relacionadas com a guerra na Guiné e com a conjuntura política dos últimos anos do regime de então. Os textos de militares, jornalistas, escritores, historiadores que se debruçaram sobre o período final do conflito na Guiné encaixam, batem certo com o meu humilde “diário”. Alguns destes trabalhos aparecem citados, referenciados em notas de rodapé que acrescentei à prosa simples que escrevi entre 1972 e 1974.

Dei também uma volta pela *net* e li muitos dos textos curtos, sobretudo em *blogs*, escritos por antigos militares que passaram igualmente pelo território da Guiné. Alguns destes testemunhos são notáveis e mostram como o tempo da guerra nos marcou a todos, como, quase quarenta anos depois, ainda trazemos a Guiné a borbulhar dentro de nós.

Numa obra recente intitulada *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, Italo Calvino fala na leveza, rapidez, exactidão, visibilidade, multiplicidade e consistência¹ que devem enformar um texto. O leitor enredar-se-á na malha textual, com o prazer inerente à descoberta e à viagem. Se nesta prosa do quotidiano da guerra da Guiné – de quando em quando espreado-se por outros temas, – o benevolente leitor vislumbrar rastros de duas ou três das propostas formuladas por Italo Calvino, associadas ao sentir e naturalidade com que foram escritas, terá sido útil ir buscá-los às pastas já manchadas pelos anos e à cada vez mais serena memória de mim.

Estoril, Maio de 2006

1. Citado por Annabela Rita, *Breves e Longas no País das Maravilhas*, Lisboa, Roma Editora, 2004, pág. 19.

*É a guerra aquele monstro que se sustenta de fazendas, do sangue, das
vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta.*

PADRE ANTÓNIO VIEIRA (1608-1697)

A paz é o intervalo entre as guerras.

LU XUN (1881-1936)

MEMÓRIA DA GUERRA

Durante dois anos, nas terras da Guiné,
a espingarda a tiracolo, aos pés da cama.
Lá fora, o calor, o canto das cigarras, o cheiro da guerra.
Éramos uma pátria infeliz combatendo um pobre povo,
na bolanha, no mato, no tarrafo dos rios.
O medo, os suores, a coragem, a amargura,
soldados retalhados, queimados, encharcados em sangue,
homens sem cor e sem ventura.
Imberbes e puros como os guerreiros de Alcácer-Quibir,
as espadas de fogo dilacerando o bater dos corações.

Regressei um dia,
lavando a alma na espuma das lágrimas.

ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU



I
CANCHUNGO
(TEIXEIRA PINTO)



Bissau, 23 de Junho de 1972

Rumo à Guiné, o velho DC-6 ainda confortável e funcional, levantou da Portela de norte para sul e voou através da noite de Lisboa, as quatro hélices cortando o ar em cem mil milhões de pedaços. As luzes frias da cidade despedindo-se, o rio num abraço escuro, depois o vazio sobre rolos e rolos de nuvens.

Às três da manhã, as ilhas Canárias surgiram num céu aberto para o mar, pequenas, iluminadas. Sorte para quem nasceu espanhol, mesmo se tal aconteceu neste arquipélago. Não precisa de ir à guerra.

Foram nove horas directas de voo até Bissau, não consegui pregar olho. Nem alegre, nem saudoso, nem revoltado. Se tem de ser, que seja!

O dia nasceu, nuvens e mar, sempre tanto mar! O avião desceu sobre mais ilhas, os Bijagós, creio, e entrou voando baixo na Guiné. Vista do ar a terra é bonita, rios largos, canais serpenteantes, arrozais, clareiras, florestas e aldeias.

Trouxeram-me do aeroporto de Bissalanca para o Clube de Oficiais e destinaram-me umas instalações miseráveis. Somos oito alferes, todos de passagem por Bissau, num quarto pequeno com beliches, sem higiene nem condições decentes de habitabilidade, nem um armário tenho para arrumar as minhas coisas que estão todas na mala, no chão. Chamam a isto o “Biafra”. Se é assim para alferes, posso imaginar como serão os alojamentos para furriéis e soldados. Mas este “Biafra” é só por alguns dias, vou mudar-me em breve.

No entanto o Clube de Oficiais tem uma messe onde me dizem que se comem algumas iguarias e existe uma simpática piscina. O calor é bastante mas, habituando-me, vou aguentar.

Bissau – ainda não vi quase nada – parece-me melhor cidade do que eu imaginava, a guerra chega aqui já diluída, o ambiente não é assim tão pesado. O burgo está em paz, talvez uma paz podre, mas paz. Há muita bicharada à noite, nas paredes e sobretudo em volta dos candeeiros de iluminação pública, são osgas e milhares de estranhíssimos insectos, mosquitos gigantes rodopiando encandeados pela luz. Mas na cidade também há andorinhas.

Bissau, 24 de Junho de 1972

Vim de Lisboa destinado a um CAOP 1, na qualidade de alferes miliciano com a especialidade de Atirador de Infantaria reclassificado em Secretariado, Serviço de Pessoal. Ignorava a natureza deste CAOP, acreditava que seria uma qualquer repartição militar aqui em Bissau onde, como pequeno oficial “manga de alpaca”, passaria dois anos a olhar para o calendário, a ver passar o debruar do tempo. Não vai ser assim. Fui apresentar-me no Quartel-General e o tenente-coronel de serviço explicou-me que o CAOP 1 é um Comando de Agrupamento Operacional sediado em Teixeira Pinto, que tem por missão organizar, dirigir e coordenar o esforço de guerra na zona norte da Guiné, com as companhias existentes no terreno e a tropa especial, comandos, pára-quedistas e fuzileiros.¹ Vou ser chefe de secretaria desse CAOP, encarregue da papelada e da pequena logística de um comando de operações. Quer isto dizer que afinal vou mesmo para o mato, um mato mais dócil, mas mato. Adeus Bissau e a paz que por aqui reina. Instalar-me-ei no nosso Vietname em miniatura, entrarei por dentro de ninhos de répteis e abutres, saberei como é a guerra com um conhecimento mordente e total.

Dizem-me que indo para o mato terei só vinte e um meses de comissão, e não vinte e quatro, como aconteceria se ficasse em Bissau, mas isto não é certo. Certo é nada aqui ser certo, excepto eu estar na Guiné com a moral nem alta, nem média, nem baixa, com o calor a morder-me a pele, e a chuva, em vez de lágrimas, a correr-me pelo rosto.

1. “O Agrupamento foi organizado e constituído com carácter permanente e com pessoal de nomeação individual, sendo inicialmente orientado para intensificar o esforço directo de aniquilamento dos grupos inimigos que exerciam pressão directa sobre o “chão manjaco.” Para o efeito, foram-lhe atribuídas todas as forças localizadas nas zonas de acção, nos sectores de Teixeira Pinto e Bula e outras forças de intervenção, fuzileiros especiais, pára-quedistas, comandos e um batalhão de cavalaria.” Em *Resenha Histórico Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 2002, 7.º vol., tomo II, pág. 591-592, doravante citada como *Resenha*.



Com um helicóptero Alouette III, Canchungo

Teixeira Pinto, 26 de Junho de 1972

Sentado à minha santa secretária de guerra, com uma ventoinha por cima a refrescar.

Ceguei de manhã, vim de helicóptero, máquina onde nunca entrara, num Alouette III de fabrico francês – há muitos na Guiné – que serve para transportes ligeiros, colocar tropa em zonas de operações e para evacuar feridos. Aprendi hoje que os hélis costumam voar aos pares, um é o Alouette normal, o outro é igualzinho mas chama-se héli-canhão porque não transporta ninguém a não ser o piloto e um cabo que está por detrás de uma metralhadora pesada de 20 mm a apontar o canhão para onde for preciso, sempre pronto a disparar.

O alferes piloto do meu héli sabia que eu era “pira”, ou seja, “periquito” – as denominações dadas aos recém-chegados à Guiné, novatos nas coisas da guerra –, e resolveu fazer uma brincadeira com a máquina voadora. Saímos de Bissau com aquela grande casca de alumínio motorizada e barulhenta ascendendo harmoniosamente no céu. Uns dez minutos depois, sobre o rio Mansoa, o piloto fez subir o helicóptero até quase aos dois mil metros. Logo de seguida como que o deixou cair – penso que se chama a esta manobra uma “perda” em linguagem aeronáutica – a razoável velocidade direitinho às águas do rio. Eu vinha no banco de trás e pensei: “Vou morrer!”. Foram só uma dúzia de segundos, depois o piloto segurou impecavelmente o héli a uns duzentos metros da margem do rio e passou a voar com toda a suavidade em direcção a Teixeira Pinto. Chegámos e ele divertido, ao ver-me ainda branco como pó de caulino, com as cores do susto e da morte estampadas no rosto.